O sonho torna realidade

Priscilla Quaresma



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Quaresma, Priscilla.
Q1s O sonho torna realidade / Priscilla Quaresma. -- 2. ed. -- Recife:
[s.n.], 2023.
162 p. ; 23 cm.

ISBN 978-65-266-0988-0 1.

Romance – História de época. 2. Fantasia. I. Título.

1023-12 CDD B869

Ficha catalográfica elaborada por Débora Soares Vicente de Santana – Bibliotecária CRB-9/1914

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura brasileira B869

Todos os direitos reservados.

As músicas e os trechos dos livros de outros autores citados têm seus direitos autorais exclusivos e reservados aos criadores dos mesmos.

Alerta de gatilhos e temas sensíveis (Livro 2):

O livro *O sonho torna realidade* foi escrito após nove anos do lançamento de *Um sonho quase real* dando continuidade à linda história de amor entre Isabel e Fernão. Este romance continuou carregando desafios por centenas de anos, agora tornando-se mais real. Além da cumplicidade entre os personagens protagonistas, há a força do cuidar que transborda através do texto. Trata-se de uma obra que aborda fatos verídicos da história do Brasil casados com ficção e fantasia. De maneira prudente e sensível, e a fim de preparar o leitor para os temas abordados, seguem os alertas:

- Conflitos conjugais entre os protagonistas;
- Escravidão no contexto da era Pré-Colonial do Brasil;
- Desigualdade entre classes sociais;
- Descrições de sexo explícito entre os protagonistas;
- Relatos históricos sobre a fogueira da Inquisição;
- Preconceito contra pessoas com deficiência;
- Costumes sociais históricos marcados pela desigualdade de gênero.

Se você se sente desconfortável com qualquer destes temas, a leitura deste livro não é indicada. Também é importante frisar que a obra é recomendada para leitores maiores de 16 anos de idade.

Boa leitura!

Sumário

Aniversário dos gêmeos	9
O homem que eu não conhecia	20
O perdão do amor	34
Possíveis problemas de uma dama na Corte	45
As cartas do Brasil	56
Ingratidão e raiva	66
Bobo da corte	79
Pretendentes	89
As damas da Corte pelos dotes	102
O noivado de Isabela	119
Queimado até a alma	136
Acertando os erros	144
Depois, uma festa para animar	153
Biografia	161

Dedico este livro à minha infância. Quando eu pensava que sabia escrever, riscando ondas no papel e Edy, minha mãe, falava que as ondas eram apenas rabiscos.

Aniversário dos gêmeos

Lisboa continuava linda. Africanos por toda parte, damas nas carruagens guiadas pelos cocheiros, e contraditoriamente, as ruas ainda eram os locais preferidos para despejarem *fezes e urina*.

Era novembro, mês do segundo aniversário dos gêmeos. Fernão regressou de viagem pela manhã para a festinha. Dona Branca, a minha mãe, me ajudava com os preparativos, enquanto Natasha brincava com as crianças.

Estava tudo bem, mas não é o que parece! Depois da morte daqueles que tentaram me matar exatamente há dois anos, eu dediquei meu tempo aos meus filhos.

Porém, para Fernão, tudo estava sendo um desastre. Aquele ano de 1505 estava marcado por acontecimentos, pois as mercadorias extraídas da Capitania de São João da Quaresma estavam sendo desviadas para a Espanha e a França. A França estava fazendo a negociação diretamente com os índios, através dos corsários. Fernão não conseguia ter o controle sobre suas terras, e o quinto dos lucros para pagar à Coroa não tinha fim.

As dificuldades de Joana afastavam Fernão e o aproximava mais de João. Eu percebia em seus olhos o medo de machucá-la quando a pegava nos braços.

— Isabel, Joana está chorando! — Fernão falava quando ela precisava de algo.

— Estou ocupada, meu marido! Vosmecê pode ir lá ver o que está acontecendo? — eu tentava.

— Acho melhor vosmecê ir! Ela pode estar com fome — falava sem querer se aproximar.

Natasha a balançava nos braços, enquanto Estrela brincava com João. Ela não tinha o mesmo equilíbrio que João tinha nas pernas e por isso ainda não andava. João falava algumas palavras, e ela não!

Natasha me entregou Joana nos braços, e comecei a niná-la. Ela se acalmou e pegou no sono. Subi para o quarto e a coloquei no berço.

Depois fui para o meu quarto, e Fernão me esperava deitado somente de ceroulas. Mesmo diante das dificuldades, eu sabia que o amava. Fingi que não o vi, com aquele charme de sempre, sentei na penteadeira, desamarrei meu cabelo e fui me despindo vagarosamente. Quando eu desci a alça da camisola, ele me abraçou com força e disse baixinho em meu ouvido:

— Mata essa saudade que está me deixando louco!

Sem falar uma palavra, o beijei intensamente como se fosse a nossa primeira vez. Ele me colocou nos braços e me levou para cama, depois, com leveza, ele retirou a fina camisola de seda, se aproximou mais e, encaixando nossos corpos, nós nos amamos naquela tarde de festa.

Tomei aquele velho banho com pétalas de rosas e desci para terminar de organizar os últimos preparativos do aniversário dos gêmeos.

Fernão ficou descansando no quarto. Minha mãe arrumava a mesa das comidas com as mucamas, Natasha e Estrela cuidavam dos gêmeos na sala de visitas, e a minha irmã, Isabela, estava com o meu padrinho na igreja.

Dona Branca e Isabela estão morando na casa do padrinho desde que chegaram da Inglaterra. Fernão, todos os dias, as convidava para morar conosco, e mamãe não aceitava. Se fosse por Isabela, elas já estariam morando aqui, por causa do espaço grande da casa e do piano. Ela ama canto. E doces também!

Isabela é mais nova que eu, acho que uns cinco anos. Tem cabelos longos, lisos e claros. Diferente do meu, que é meio ondulado com poucos cachos, às vezes um emaranhado de cabelo, e mais escuro.

Ela diz que é gordinha, não vejo desta forma. Isabela está ansiosa para arrumar um pretendente. E mamãe me parece que está com o rosto mais cansado, triste, do que no desenho do meu pingente e ainda fala muito do papai.

Depois que terminei de arrumar as comidas à mesa com mamãe, fui organizar os gêmeos e dar de mamar. O leite era pouco, mas ainda dava para os dois.

Primeiro, dei banho em Joana e a coloquei para mamar. Ela pegou no sono, e Natasha ficou ninando-a no berço. João era bem mais danado. Não gostava de tomar banho e toda vez era um sufoco!

— "Mamã", não!

— João, a festa já vai começar! Vosmecê tem que estar cheiroso para receber os convidados.

E ele repetia com birra:

— Não, "mamã", não!

Depois de muita insistência, consegui banhá-lo com a ajuda de Estrela. Ele mamou e ficou brincando com Fernão.

Natasha me esperava no quarto para apertar o espartilho e abotoar o vestido azul escuro com uns detalhes brancos. Prendi todo o cabelo e ataquei o colar de sempre com o pingente de Dona Branca.

Quando desci, Fernão estava recebendo os convidados, e a minha mãe, junto com Isabela, faziam sala para algumas damas que haviam chegado. Fiquei com Fernão recebendo os convidados até Ana Pimentel chegar, sem juízo, para variar! Mel-mel, agora com cinco anos de idade, uma pimentinha, e Martin Afonso de Sousa sério e educado.

— Isabel, vosmecê está ótima! Soube da doença de Joana. Não é normal, mas logo todos acostumam — Ana falou sem filtro.

O preconceito era enorme. Soube pelo meu padrinho que a maioria das mulheres que tinham filhos com deficiência os escondia da sociedade e os aprisionavam como bichos ou chegavam até matá-los.

Eu ainda não tinha passado por uma situação daquela e fiquei sem saber o que falar. Ana, percebendo que não iria ter resposta para o que disse, mudou logo de assunto:

— Seu vestido está lindo! Preciso de alguns novos.

Pedi licença e fui ver Joana no quarto. Ela estava acordada, olhando para o chocalho que estava segurando. A peguei nos braços e fui para sala de visitas com ela. Chegando ao fim da escada, todos tiveram atenção em mim e na minha filha. Uns olhavam com desprezo, outros com pena, até que meu padrinho aproximou-se, acariciou a cabeça de Joana e falou discretamente:

— Peça para uma das mucamas ficar com ela no quarto e, na hora de cortar o bolo, a mucama a traz para a sala.

— Não, padrinho! A festa também é dela — falei determinada, sussurrando.

— Eu entendo, minha filha! Mas Fernão está exagerando muito no vinho. É melhor assim! — O padrinho tentou me convencer, justificando pelo ato de Fernão e que para mim, não parecia exagerado.

Natasha veio logo em seguida, após o meneio de cabeça do padrinho, tirou Joana dos meus braços e a levou para o quarto.

— Noto, às vezes, que Fernão parece não está satisfeito, padrinho — falei depois que aceitei a ajuda de Natasha.

— Já conversei com vosmecê sobre Joana, minha filha — respirou fundo e terminou. — As visitas não estão se sentindo à vontade.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Ele me abraçou e me levou até a cozinha. Tomei água da jarra de barro e fiquei escutando os conselhos do padrinho.

— Vosmecê terá que ser muito forte, Isabel. Sua missão nesta vida será árdua!

Ele deu tapinhas carinhosos no meu rosto.

— Vou estar ao seu lado!

Era como se ele soubesse de tudo pelo que eu iria passar para defender minha filha. Voltei para a sala de visitas e tentei me entrosar na conversa das damas com a minha mãe.

— Posso saber o que as senhoras riem tanto? — perguntei ao me aproximar.

— Estamos lembrando da nossa juventude. Como era ótima! — respondeu mamãe.

Eu não conseguia prestar atenção na conversa um minuto sequer. Fernão me olhava de longe, e eu fingia

que não estava vendo. Apenas conseguia pensar na minha filha lá em cima, trancada naquele quarto.

Os africanos passavam com as bandejas de comida e vinho, Isabela conversava com os jovens da mesma idade que a sua, e João, nos braços de Estrela, desfilava pela festa. O peguei nos braços e fiquei brincando com ele no canto da sala.

O rei Manuel I e suas irmãs chegaram. Fui para perto de Fernão com João nos braços para recebê-los. Como de costume, as irmãs do rei eram falsas.

— Cadê a Joaninha? — perguntou Leonor com um sorriso provocador.

— Está dormindo! — respondi com um sorriso sínico.

Elas passaram a mão na cabeça de João e foram para sala de visitas onde se encontravam as outras damas. O rei Manuel I conversava com Fernão com um ar de insatisfação. Pedi licença mais uma vez e subi para trocar as fraldas de João. Joana estava mesmo dormindo, e Natasha arrumava a bagunça que João fez para não tomar banho. Tirei as fraldas sujas dele, e Natasha vestiu as fraldas limpas. Dei de mamar, quando Natasha comentou:

— Sinhá, *tô* achando vosmecê tão triste!

Depois de um pouco de silêncio, falei:

— Não sei nem o que falar — suspirei — Parece que o amor de Fernão não é mais o mesmo! Sem contar

com o desprezo com que tratam a minha filha. Isso me machuca muito!

Fui sincera. Natasha era minha única amiga na Corte, antes da chegada de Isabela em Lisboa.

— É, sinhazinha, entendo a sua dor. Deve ser muito difícil ter um filho doente. — Ela disse com o olhar preconceituoso daquela época.

Não consegui dar uma resposta plausível... Fernão me chamou do corredor, e logo paramos de falar.

— Estou aqui, meu marido! — respondi tentando disfarçar minha melancolia.

Ele entrou no quarto das crianças, me beijou e com o olhar pediu para Natasha sair. Sentou na cama, olhou para mim e disse:

— Não quero lhe magoar, minha esposa! Mas Joana é muito frágil para ficar no meio da multidão. — Ele foi direto ao ponto.

— Mesmo assim, vou descer com ela na hora de cortar o bolo. — Eu determinei sem olhar diretamente para ele.

— Se vosmecê prefere assim, tudo bem. Mas, parece que não enxerga como todos a olham! — Ele tentou me alertar e ao mesmo tempo me persuadir.

— Enxergo, sim! Por isso, vou enfrentá-los, ela não é bicho — falei chateada querendo pular no pescoço dele.

Ele fechou a cara, suspendeu João nos braços e ficou me esperando no corredor. Ajeitei o meu vestido,